

# Entre o mesmo e o duplo, inscreve-se a alteridade: psicanálise freudiana e escritura borgeana

Giovanna Bartucci

Concebendo a experiência psicanalítica e a escritura borgeana como lugares psíquicos de constituição de subjetividade, este artigo visa diferenciar as experiências de encontro com o idêntico e com o duplo.

*Ter por ofício a própria paixão significa, ao menos em um sentido, resignar a ser.*

Santiago Kovadloff

**É** curioso, o ano de 1899 foi produtor de dois acontecimentos aparentemente sem associação. Em 24 de agosto nasce Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo; em 4 de novembro a editora de Frank Deuticke, com sede em Viena e Leipzig, publica *Die Traumdeutung* (*A interpretação de sonhos*), livro de Sigmund Freud cuja página de rosto estampa a data de 1900.

Entretanto, será em 1931 que Freud, aos 75 anos de idade, reitera a importância de sua criação, a psicanáli-

se, ainda que por meio de outra homenagem a esta pedra fundamental que alterou a sua vida e a de tantos outros. No prefácio à terceira edição inglesa de *A inter-*

**Giovanna Bartucci** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP. É autora de *Borges: a realidade da construção. Literatura e psicanálise*, Imago, 1996 e *A doença da morte: um direito de asilo*, Annablume, 1998. Uma versão parcial deste artigo foi publicada sob o título "Escritura borgeana, psicanálise freudiana: espaço de constituição de subjetividade", in M. Cid e C. C. Montoto (orgs.), *Borges Centenário*, Educ, 1999.

pretação... , Freud testemunhará que “ele (o livro) encerra, mesmo segundo meu atual juízo, a mais valiosa de todas as descobertas que à minha boa sorte coube fazer. Uma percepção dessas ocorre no destino de alguém apenas uma vez na vida”.<sup>1</sup>

Em 1931, o escritor argentino Jorge Luis Borges, o “Georgie”, tinha então seus trinta e dois anos. Os anos trinta não serão fáceis para Borges, mas serão anos de encontros significativos, como com o escritor Bioy Casares. Será ao longo da década de trinta que Borges publicará seus primeiros grandes contos. Um profundo ceticismo com relação aos modos tradicionais de representação caracterizará sua maturidade literária.

## Jorge Luis Borges é o grande personagem borgeano.

Talvez a possível associação, por parte de Borges, da psicanálise aos “modos tradicionais de representação” seja uma das razões pelas quais a obra de Freud e o próprio discurso freudiano, embora tendo se tornado apropriação do século XX, não figurem nas páginas daquele que é, reconhecidamente

hoje, um dos mais importantes literatos do século 20.

Atualmente sabemos, por meio de um de seus biógrafos, que Borges frequentou um certo Dr. Miguel Kohan Miller durante os anos de 1946 a 1949<sup>2</sup>, sob o pretexto de buscar ajuda para vencer a timidez. Embora não tenhamos certeza de que o Dr. Miller tenha sido psicanalista, uma vez que seu treinamento parece ter sido superficial, sabemos que a produtividade de Borges no ano em que se seguiu a suas visitas a Miller foi intensa. Este parece ter sido um bom sinal, no entanto, do provável proveito de Borges quanto a uma psicoterapia. Sim, suas histórias mais inventivas ainda eram sua resposta à mais aguda adversidade, também salientará James Woodall.

Mas poderemos continuar hipotetizando, incansavelmente, quanto ao possível desdém de Borges pela psicanálise ou pela psicologia. Grande número de estudiosos de sua obra sugere seu bem conhecido anti-psicologismo, traduzido em um rechaço a tudo aquilo que seja excessivamente pessoal, sentimental, que possa impor à sua escrita um caráter de personalização individualista. De fato, a descrição de Bioy Casares do gênero literário que ele próprio, Silvina Casares e Jorge Luis Borges antologizaram em 1940, certamente tendo os escritos de Borges em mente, sustentará estas formulações. Dirá Casares: a literatura fantástica era ao mesmo tempo “ensaio e ficção... exercícios de inteligência e imaginação incessantes, (sem) qualquer langor, quaisquer *elementos humanos*, emocionais ou sentimentais”.<sup>3</sup>

Prefiro sugerir, no entanto, que, guardando as especificidades do campo literário e do exercício clínico da psicanálise, a escritura borgeana e a experiência psicanalítica não se apresentam tão distanciadas assim. Esta formulação se baseia na concepção da experiên-

cia psicanalítica, que testemunhamos junto aos nossos analisandos, e do lugar da escritura como “lugares psíquicos de constituição de subjetividade”, para aqueles sujeitos cujos destinos como sujeitos será sempre o de um projeto inacabado, produzindo-se de maneira interminável.

Sabemos que o deslocamento do ser do psíquico do campo da consciência para o registro do inconsciente, se revela como uma das formulações mais brilhantes da descoberta da psicanálise, permitindo, assim, que sublinhemos aquilo que não é enunciado pelo discurso da consciência e que se apresenta de forma deslocada no registro da transferência.

Assim é que, tendo diferenciado os conceitos de repetição transferencial e compulsão à repetição a partir da última dualidade pulsional estabelecida por Freud, pulsões de vida e pulsões de morte<sup>4</sup>, não pretendo indicar aqui qualquer traço de uma dicotomia entre a situação clássica de uma neurose de transferência e as situações-limite que testemunhamos em nossa clínica, uma vez que não são os limites entre as instâncias psíquicas que aqui são postos em xeque. De fato, o que está em causa aqui é a possibilidade de que tanto a experiência de encontro com o idêntico (da projeção mimética do mesmo), quanto a experiência-limite denominada *das Unheimliche*, a experiência-limite de encontro com o duplo, constituam-se em lugares os quais, a partir da experiência transferencial, aquilo que é da ordem da apresentação (*Darstellung*), situado no primeiro plano da experiência psíquica, possa ter (ou não) sua passagem ao registro da representação (*Vorstellung*) facilitada.

É verdade, em trabalho anterior<sup>5</sup> sobrepuja a experiência de encontro do idêntico à experiência-limite denominada *das Unheimliche*.

No entanto, tratarei de distinguir aqui entre ambas, uma vez que as questões que estão no cerne destas inquietações acerca da clínica psicanalítica apóiam-se na formulação de que, ao tomarmos como *fundamental* o conceito freudiano de pulsão, o psiquismo e o sujeito do inconsciente serão destinos de pulsões – privilegiados, por certo – desde que estas sejam consideradas no registro da força como “exigência de trabalho”. Assim, a pulsão é uma força (*Drang*) que necessita ser submetida a um trabalho de ligação e de simbolização para que possa se inscrever no psiquismo propriamente dito.

Daí a relevância da experiência psicanalítica: institui-se um lugar privilegiado onde se apresenta aquilo que está destinado à compulsão à repetição, ou seja, o que não obtém ordens de significação estruturantes, aquilo que insiste sob o modo de pulsão de morte.

Nessa medida, o ato analítico, como sugere Joel Birman<sup>6</sup>, implica que a figura do analista, junto com a do analisando, possam constituir destinos possíveis para as forças pulsionais, ordenando circuitos pulsionais e inscrevendo a pulsão no registro da simbolização. Desejo acrescentar que será lugar e função do analista possibilitar, junto com o analisando, que se constitua a diferenciação no interior do próprio aparelho psíquico, ao fundarem-se os espaços externo-interior e interno-exterior. Sendo assim, no que diz respeito à experiência psicanalítica, nestes momentos mesmo de uma análise em que a linguagem, instrumento por excelência do trabalho analítico, se mostra insuficiente, será lugar e função do analista interceptar o circuito auto-erótico – necessário – que se configura nas situações de compulsão à repetição.

É curioso, mas será exatamente o *jogo de espelhos* instaurador do universo borgeano, entendido aqui

como o movimento constitutivo de apropriar-se de si mesmo continuamente, ora observando-se a si mesmo, ora a seu duplo, que considero instituinte deste lugar psíquico de constituição de subjetividade.

Mas atenção, tendo já ressaltado que na obra metaficcional autores tornam-se problemas a serem resolvidos, e personagens elementos que evidenciam a sensibilidade do autor, permanecerá, no entanto, uma indagação importante. Uma vez estabelecido o lugar da escritura como lugar psíquico de constituição de subjetividade, quem ou o que fará às vezes do terceiro, da alteridade, aquele a *interceptar* o jogo de espelhos – necessário – e, como bem sabemos, instaurador do universo borgeano?

### **Georgie, os espelhos e a escritura borgeana**

Muito já foi dito acerca da escritura borgeana, a partir de diversas áreas do saber. Sua influência também pode se fazer sentir em inúmeros escritores por todo o mundo, e será inútil, aqui, a tentativa de uma enumeração abrangente.

A habilidade de Borges em criar universos extraordinários utilizando-se, a partir de sua maturidade literária, de uma economia de estilo furtiva quase absoluta, toma a forma de um convite permanente ao exercício de pensamento. Suas narrativas exibem o desejo de despir a linguagem de uma suntuosidade literária.

Em *Borges...*, retomei o conceito de *metaficção* com o objetivo de refletir acerca deste espaço paradoxal que é o espaço ficcional borgeano. Se os metaficcionalistas revelam seu processo de invenção por meio da própria forma ficcional, a técnica narrativa e o material apresentado só se conectarão por intermédio da experiência de seu entrelaçamento. Nessa medida, o metaficcionalista fragmenta o foco narrativo para realçar o processo de criação da ficção.

Já em maio de 1942, Bioy Casares, seu grande amigo e co-autor para os livros de Bustos Domecq, escreveu em resenha sobre o livro *O jardim das veredas que se bifurcam* (1941), publicada na *Sur*, revista literária fundada em Buenos Aires, em 1931, por Vitoria Ocampo e colaboradores, que a “escrita de

O jogo de espelhos,  
instaurador do universo borgeano,  
é o elemento instituinte  
do lugar psíquico de constituição  
da subjetividade.

Borges estava desbravando um território novo em sua preocupação com a metafísica, com – na verdade – a literatura falando de si mesma”.<sup>7</sup>

Assim, embora Borges opte por questionar em seus textos a noção de paternidade artística, utilizando-se da diluição da figura do autor, da fragmentação do foco narrativo, proponho que ao fazê-lo, Borges institui este lugar psíquico de constituição de subjetividade, na medida em que, ao diluir a figura do autor, Borges está, na verdade, escrevendo para se desconhecer.

Ao se tornar seu duplo, “na manobra mais inteligente e diversionista de sua carreira literária”, como observa Woodall, Borges termina por dar corpo a diferentes Borges. Seu testemunho é claro quanto a esta possibilidade: em 1971, em palestra no Institute of Contemporary Arts (ICA), em Londres, Borges dirá “eu tinha três espelhos enormes em meu quarto,

O encontro com o duplo provoca susto e estranheza, pois origina-se do retorno do reprimido.

quando criança, e sentia um medo profundo deles, porque (...) eu via a mim mesmo triplicado, e tinha muito medo ao pensar que talvez as três formas comessem a se mover sozinhas”.<sup>8</sup>E, é claro, o medo

de Borges não era infundado. No entanto, sem perder o controle de “si mesmo triplicado”, o exercício de dar vida ao(s) seu(s) duplo(s) possibilitou que Georgie se transformasse em Borges. Como observou George Steiner em artigo para *The New Yorker*, em 1970, “ele aprofundou a paisagem de nossas memórias, e essa é a marca de um artista verdadeiramente grande”.<sup>9</sup>

### A projeção mimética do mesmo, o duplo e a alteridade

Vejamos: a idéia de que todo homem é também outro homem, ou mesmo todos os homens, é solo fundador da maior parte das obras de Borges. Eneida M. de Souza entende que na superfície textual, tênue e escorregadia, na qual convivem autores, personagens, citações, reflexos e reflexos da escrita alheia, é impossível considerar a escrita borgeana como texto singular e marca registrada de seu traço individual. No entanto, a formulação acima se explicita quando compreendemos que de Souza considera que “a imagem do Outro que o habita (a Borges) se mascara de textos e de co-autores, os quais, juntamente com Borges produzem uma obra a mil e uma mãos”.

Segundo a ensaísta, o destino de ser escritor, herdado por Borges de seu pai, Jorge Borges, cumpre-se por meio da manifestação da presença de um culto paradoxal que “traduz, ao mesmo tempo, a tentativa de apagar a imagem paterna, um parricídio inconsciente, e o reforço dessa imagem, o fantasma do Outro que lhe marca o destino de escritor, uma vez que ambos, pai e filho, passaram pela experiência da cegueira e da noite”.<sup>10</sup> De Souza também situa a ocupação de Borges com a atividade de leitura, aqui um espaço privilegiado que se torna o simulacro do ato de escrever e de viver, como uma forma de negação da

paternidade e da propriedade de seus escritos.

Para Santiago Kovadloff, no entanto, todo ato de admiração pelos grandes autores do passado, que não seja um diálogo que traga consigo uma crítica sensível, seria um ato de servilismo. “Não se trata de acreditar que vamos superar nossos antepassados, trata-se de entender que somente poderemos herdá-los se os incorporarmos ao diálogo criador com nosso próprio trabalho”<sup>11</sup>, sugere Kovadloff em ensaio acerca da escrita como experiência do ato criativo.

Na verdade, o mundo de ficção de Borges baseia-se na idéia de arte como ilusão. Fundamentalmente, alude ao fato de que é impossível ser um escritor original no século 20 e, acima de tudo, de que o real é inalcançável mesmo que pela linguagem. Em outras palavras, a realidade é dúbia e incerta; o universo é uma unidade total na qual a individualidade é mera ilusão. Assim, ao confundir os limites entre a realidade e as abstrações absolutas, o individual e o genérico, Borges ampliará o campo de suas histórias para *incluir* todos os homens.

A linguagem é também “uma tradição, um modo de captar a realidade, não um sistema arbitrário de símbolos”<sup>12</sup>, logo “numa história deveríamos trabalhar a idéia de não estar seguro de todas as coisas, porque assim é a realidade”<sup>13</sup>, dirá Borges. Kovadloff também sugere que uma das mensagens essenciais da literatura consistiria em dizer que nada caberia definitivamente na palavra e que, assim sendo, seria imprescindível voltar a dizer. “Precisamente porque a palavra não pode dar conta do objeto, o sujeito pode ser; pode ser na medida em que se libera dos significados cristalizados que se auto-propõem como possuidores plenos de um sentido igualmente pleno”.<sup>14</sup> No entanto, ao mesmo tempo que as coisas são inalcançáveis pela arte,

estamos incessantemente criando estruturas de palavras, metáforas, imagens, e como tal, Borges acredita que este mundo possa ser tão louvável e real quanto o das coisas.

Anteriormente avancei a idéia de que, na narrativa borgeana, a realidade é igualada à relação problemática entre os mundos real e ficcional. Seu principal objetivo é confundir as fronteiras entre realidade e sonho, entre realidade e ficção. Será exatamente isto que permitirá ao homem, como o faz Borges, criar sua própria realidade de acordo com as leis que eventualmente conheça.

Se por um lado, o autor usa o real como trampolim para arremessar seus leitores num mundo de ficção, por outro, ao identificar um possível aspecto de correspondência, questiona a validade do mundo criado com a intenção de dar uma maior realidade a este, ou seja, a realidade da construção. Assim, será ao valer-se da intrusão do real em estilo documentário, por meio do uso de amigos e colaboradores verdadeiros como comentaristas da veracidade da narrativa, da presentificação de objetos reais da vida do autor, ou mesmo da colocação em cena de elementos de sua vida, e do questionamento deste mesmo mundo, que Borges problematizará a relação entre os mundos real e ficcional. Conseqüentemente, compreender ou dar significado ao mundo em que vivemos será o mesmo que estruturar a realidade de um modo pessoal e estilizado.

Mas, atenção, para Borges toda literatura é autobiográfica. Assim, ao afirmar que suas histórias eram todas mais ou menos autobiográficas, Borges não criou personagem algum, mas escreveu e reescreveu sobre o mesmo e velho “Borges” levemente disfarçado.

No entanto, o fato de que ao escrever enfatizasse certas peculiaridades suas e omitisse outras, le-

vou-o a considerar “Borges” como uma criação da fantasia. “Por que diabos me preocupar com o que acontece com Borges? Afinal de contas, Borges não é nada, é uma

cente a um além inacessível”.<sup>16</sup> Baranes observa, no mesmo artigo, que esta ambigüidade característica da figura do duplo, ou seja, no momento mesmo em que se mostra

A escritura borgeana é fundamentalmente autobiográfica: o ego é um espectador que se identifica com o homem que observa, constituindo um movimento de observação ora de si mesmo, ora de seu duplo.

mera ficção”. Ei-lo, finalmente, o surgimento da figura do *duplo*.

É importante que se explicite: para Borges, o *ego* é um espectador que se identifica com o homem a quem ele observa continuamente. “Porque, afinal de contas, o que é o ego? O ego é o passado, o presente, e também ... o futuro”.<sup>15</sup> Nessa medida, há, aqui, um movimento constitutivo: um espectador que se apropria de si mesmo ao observar, continuamente, ora a si mesmo, ora a seu duplo.

Jean-José Baranes, apoiando-se nos trabalhos de J.-P. Vernant acerca do mito e pensamento grego, sugere que “um duplo é tudo menos uma imagem: nem imitação do objeto, nem ilusão do espírito, nem criação do pensamento, ele é uma realidade exterior ao sujeito que, no entanto, em sua própria aparência, se opõe por seu caráter insólito aos objetos familiares e ao cenário corriqueiro da vida. Ele joga com os dois planos contrastados ao mesmo tempo: no momento em que se mostra presente, revela-se como pertencente

presente, revela-se como pertencente a um além inacessível, é o lugar da estranheza e dessa relação de limite entre mesmo e diferente.

Assim, Borges explicitará essa relação de limite entre mesmo e diferente, esse lugar da estranheza, transformando-se em “Borges”, seu duplo. Inicialmente, ao se transformar em “Borges”, Borges elimina a si mesmo, deixa de existir, é finalmente nada, para que, no entanto, “Borges” possa ser. Como dirá o próprio Borges, em “Borges e Eu” (1960), “eu vivo, deixo-me viver, para que Borges possa tramar sua literatura e essa literatura me justifica..., quanto ao mais, estou destinado a perder-me, definitivamente, e apenas algum instante de mim poderá sobreviver no outro”. Borges irá confessar ainda, em “Borges e Eu”, que “(‘Borges’) conseguiu certas páginas válidas, mas essas páginas não podem me salvar, talvez porque o bom já não é de ninguém, nem sequer do outro, senão da linguagem ou da tradição”.<sup>17</sup>

Em sua biografia literária sobre

o autor, Emir R. Monegal observa que as funções e privilégios de Borges são usurpados pelo personagem “Borges”, uma vez que tudo o que agora Borges faz, ou gosta, torna-se posse do outro. Assim, publicar, as entrevistas, a publicidade, a política e as opiniões pertencem a “Borges”. Os sentimentos, os sonhos e escrever pertencem ao “eu”. Um terceiro Borges, o ficcional, é aquele que une em si o

No entanto, entendo que este “outro” será inicialmente uma projeção mimética do mesmo, podendo tornar-se duplo somente *a posteriori*. A constituição de um dentro de si, um *topos* cuja espacialidade e temporalidade possam ser a morada de um si em permanente conhecimento e desconhecimento de si estará apoiada na possibilidade de reconhecimento da projeção mimética do mesmo como aquilo

que não obtém ordens de significação estruturantes, o que insiste sob o modo de pulsão de morte.

Assim é que o uso da denominação *intensidade transferencial* para chamar atenção ao aspecto econômico da transferência, em momentos de uma análise em que o trabalho de livre-associação está como que atravancado por esta intensidade mesma, aponta para a reativação do desprazer produzido por grandes quantidades não metabolizáveis pelo psiquismo incipiente, no qual será a capacidade de ligação do aparelho psíquico que definirá as possibilidades de domínio desta energia.

Sendo assim, enquanto que aquilo que é da ordem da apresentação (*Darstellung*), situado como está no primeiro plano da experiência psíquica, pode ser reconhecido como algo relativo à experiência da projeção mimética do mesmo, a experiência do duplo representaria em si uma *regressão tópica* ao momento psíquico pré-espelhar do não-separado. Uma espacialização ilusória de um dentro que normalmente permanece selado pelo recalque estruturante, que representa o fechamento que separa si mesmo do outro.

Baranes também sugere que “o duplo é, ao mesmo tempo, olhar ou espelho petrificante atrator de morte e estabilizador de potências do estranho, mas também elemento operador com a função de mediador entre o mesmo e o outro”.<sup>18</sup> É importante que possamos reter esta idéia, tanto no que se refere a psicanalítica freudiana quanto à escritura borgeana: a sugestão de que o duplo opere como mediador entre o mesmo e o outro.

Assim, quando os espelhos deixaram de despertar os temores infantis de Borges, tornaram-se, em seu universo, emblemas do duplo, do outro, do que poderia acontecer nesse além inacessível. É nessa medida que o jogo de espelhos

É lugar e função do analista interceptar o circuito auto-erótico, necessário, que se configura na compulsão à repetição, remetendo o analisando ao encontro com a alteridade.

“eu público” e a reflexão sobre suas experiências. É verdade, ser Borges/“Borges” é procurá-lo em nossas mais profundas idiossincrasias, no centro que é cada um de nós: ser eu mesmo sendo o outro.

Em “O estranho”, texto de 1919, Freud observa que *das Unheimliche*, a experiência limite de encontro do duplo, a qual provoca susto, pavor, não-reconhecimento, origina-se do retorno de conteúdos reprimidos, e não de um cessar da crença na realidade de tal conteúdo. O prefixo “*un*” seria, então, o sinal da repressão. A natureza secreta da experiência do retorno involuntário da mesma situação ou experiência estaria apoiada no sentimento de que esse estranho não seria algo alheio ou novo, mas algo de há muito familiar.

que é da ordem da apresentação (*Darstellung*), situado como está no primeiro plano da experiência psíquica. Mas, registremos: será neste mesmo texto, de 1919, que Freud considera que “tudo aquilo que deveria ter permanecido... secreto e oculto mas veio à luz”, será percebido como *unheimlich*.

1920, no entanto, será o ano de publicação de “Além do princípio do prazer”, ensaio que termina por estabelecer o dualismo pulsional entre pulsões de vida e pulsões de morte. Nessa medida, se entendermos que o conceito de compulsão à repetição comporta outras noções cruciais como a noção de princípio de prazer, de pulsão de vida e de pulsão de morte e a noção de ligação (*Bindung*), aquilo que está destinado à compulsão à repetição é o

instaurador do universo borgeano, este movimento constitutivo de apropriar-se de si mesmo continuamente, ora observando-se a si mesmo, ora a seu duplo, institui este lugar psíquico de constituição de subjetividade.

A presença da ambigüidade instauradora da figura do duplo, este lugar mesmo de relação de limite *entre* mesmo e diferente, torna-se, então, passagem obrigatória, indo do desdobramento (de/sobre si) à alteridade. Segundo Baranes, no que diz respeito a experiência psicanalítica, o duplo é precursor indispensável para a ascensão à alteridade, e condição indispensável para um desenvolvimento ótimo do processo analítico.

### **Psiquismo e sujeito do inconsciente: destinos de pulsões**

Joel Birman, em artigo acerca do indeterminismo da pulsão no discurso freudiano, observa que a problemática que paulatinamente se inscreve no percurso freudiano é a de como o registro da qualidade se constituiu a partir do registro da quantidade. Em outras palavras, como se constitui a produção de representações no aparelho psíquico, considerando-se o primado do registro econômico na metapsicologia.

Birman propõe que os ensaios metapsicológicos de 1915, em especial "As pulsões e destinos de pulsões", pretendiam responder a esta indagação. Nestes ensaios, a pulsão passa a ocupar a posição estratégica de conceito fundamental da teoria psicanalítica, isto é, de conceito fundador dos demais conceitos metapsicológicos. É possível acrescentar que o conceito de pulsão, em seu estatuto de conceito fundamental - um *Grundbegriff* - é conceito-limite que não aponta para nenhum outro que lhe seja

mais fundamental, apenas para os limites referentes à própria teoria. Ao introduzir o conceito de pulsão, Freud introduziu um conceito que não possui uma substância, qualquer que seja ela, como referente. Também não há, no que concerne às pulsões, qualquer determinação *a priori*, assim como tampouco há diferenças qualitativas entre elas.

Nessa medida, Birman avança a idéia de que uma reformulação epistemológica essencial esboçou-se na teoria psicanalítica, na medida em que seus fundamentos estariam sendo recompostos. "O inconsciente não seria mais, como estava estabelecido até então, o conceito fundamental da psicanálise. Agora, a pulsão ocuparia tal lugar e o inconsciente seria um conceito derivado na metapsicologia freudiana".<sup>19</sup>

A decorrente formulação de Birman, assim, será a de que o psiquismo e o sujeito do inconsciente seriam destinos de pulsões,

do 'corpo', da 'transformação da atividade em passividade' e da 'sublimação'. É neste contexto, então, que o sujeito do inconsciente se constitui no psiquismo como um desdobramento das vicissitudes das pulsões no campo do outro"; (com isso), "o sujeito como destino é sempre o de um projeto inacabado, se produzindo de maneira interminável, se apresentando sempre como uma finitude face aos seus impasses, confrontado ao que lhe falta e ao que não é".<sup>20</sup> Nessa medida, se a primeira tópica se baseia no campo (rede) de representações, a segunda sublinha a existência de um pólo pulsional do psiquismo, o id, inexistente anteriormente.

Emilio Rodrigué, um dos biógrafos de Freud, no entanto, considera que "o *livro dos sonhos* fornece, na realidade, o terceiro modelo de aparato psíquico; o primeiro, o aparelho de linguagem em "(Interpretação das) Afasias" (1891); o segundo, o modelo neuronal do "Pro-

O duplo opera como mediador entre o mesmo e o outro, e é precursor indispensável para a ascensão à alteridade.

desde que estas sejam concebidas no registro da força como exigência de trabalho. "O sujeito do inconsciente é um dos destinos das pulsões, destino privilegiado, certamente, ao lado do 'retorno sobre o próprio

projeto (para uma psicologia científica)", (1895); o terceiro, seria a estrutura apresentada no capítulo VII, modelo que articula os dois anteriores e que se aplicaria inclusive ao caráter".<sup>21</sup>

Assim é que o capítulo sétimo dessa obra será aquele a primeiro inaugurar conceitualmente a formulação freudiana metapsicológica acerca do aparelho psíquico. Ao descrever os sonhos como podendo ser analisados a partir de um quadrilátero – condensação, deslocamento, sobredeterminação e rea-

ria do sujeito, estruturação suficiente para ter-se inscrito em um quadro memorial. Trata-se, assim, de fazer circular os fantasmas inconscientes que determinam o complexo sintomático e lograr a sua perlaboração no pré-consciente.

Assim, o que está efetivamente em causa na primeira tópica é uma

inscrevendo a pulsão no registro da simbolização.

Assim, quando a psicanálise se defronta com a existência de marcas que se encontram nos limites do sentido e do representável, a estratégia do deciframento é considerada insuficiente para o trabalho analítico. É neste momento que a estratégia da *construção* irá adquirir um significado fundamental e se constituirá como uma operação, embora complementar ao uso da interpretação, imprescindível ao trabalho analítico.

É nesse sentido que será lugar e função do analista possibilitar, junto com o analisando, este trabalho de ligação daquilo que está destinado à compulsão à repetição, daquilo que insiste sob o modo de pulsão de morte, proporcionando, então, que isto mesmo que é da ordem da apresentação (*Darstellung*), situado no primeiro plano da experiência psíquica, tenha sua passagem ao registro da representação (*Vorstellung*) facilitada.

**A** experiência de encontro com o idêntico,  
e a de encontro com o duplo  
se constituem em lugares os quais,  
a partir da transferência,  
aquilo que é da ordem da apresentação  
possa ter passagem ao registro  
da representação.

lização de desejo – que se apóia na postulação do sistema inconsciente, Freud concebeu as leis universais que regulam o funcionamento psíquico. A ordenação desse campo teórico irá efetivamente consolidar-se até os ensaios metapsicológicos de Freud de 1915, quando a primeira tópica foi formalizada.

Recordemos, rapidamente, o método clássico de análise das psiconeuroses: um método extrativo, técnica da interpretação, levantamento do recalque. O retorno do recalque realiza-se, então, por meio da livre associação, imposta pela regra fundamental. Só poderá ter por objeto os elementos que já tenham sofrido o recalque secundário ou propriamente dito, aquele do *a posteriori* (*Nachdrängen*), enquanto conjunto consciente ou pré-consciente, tendo adquirido, no decorrer da histó-

teoria dos lugares psíquicos (tópica) na qual o recalque primário, primeiro momento da operação de recalque, irá fundar a divisão entre os sistemas inconsciente, pré-consciente-consciente. Sem dúvida, as premissas que determinam o método implicam gerar as bases para que o que chamamos de cura se instaure, oferecendo parâmetros para seguir seus movimentos.

Nessa medida, se a primeira tópica pretende destacar diferentes modalidades de representação psíquica – inconsciente, pré-consciente e consciente -, a segunda tópica pretende acrescentar ao campo de representações o registro das intensidades transferenciais no qual a pulsão é concebida no registro da força como exigência de trabalho. Faz-se necessário, então, constituir destinos possíveis para as forças pulsionais, ordenando circuitos e

### **Vale a pena escrever para desconhecer-se<sup>22</sup>**

Sem dúvida, a concepção do sujeito (do inconsciente) como destino de pulsões, desde que entendidas no registro da força como exigência de trabalho, será o que possibilitará que pensemos o ato da criação, da escritura, como criação de um sujeito, como lugar psíquico de constituição de subjetividade.

Também Kovadloff sugere que toda obra é autobiográfica, na medida em que expresse com propriedade as tensões derivadas do contato com as oscilações entre a certeza e a incerteza de ser. As metáforas de um escritor, seus temas, lhe serviriam para realizar este deslocamento do campo do inequívoco para o campo da ambigüidade. Dito uma vez mais, o ato de criação seria a criação de um sujeito. Borges já ha-



Ao se utilizar da figura do duplo, Borges criou um dispositivo, que lhe permitiu não só apagar a imagem paterna, mas ampliar sua memória e estabelecer um diálogo criador com sua própria escritura.

via chamado nossa atenção para a maneira pela qual os textos “o escreviam”, ao invés do contrário - “eu vivo, deixo-me viver, para que Borges possa tramar sua literatura e essa literatura me justifica”.

Kovadloff pergunta-se, “o que é falar ou escrever com propriedade? ... Escrever com propriedade significa poder colocar em cena a intensidade particular com que cada um vive o acesso ao fecundo e renovado desconhecimento de si mesmo e do mundo. Um poema verdadeiramente bem sucedido jamais opera como um espelho. O autor não o reconhecerá se ao vê-lo puder dizer: este sou o eu que conheço, se não que somente o reconhecerá se puder dizer: o desconhecido que criou este texto também sou eu. A obra que desmente a familiaridade dos conteúdos que nos atribuímos restabelece, ainda que por um momento, o contato com nossa própria imponderabilidade”.<sup>23</sup> É nessa medida que também a escritura borgeana pode ser entendida como lugar psíquico de constituição de subjetividade.

Sem dúvida, sabemos que a

constituição do sujeito implica a assunção de uma dívida face ao outro sem o qual o sujeito não teria condições de existir, uma vez que não é causa de si mesmo, podendo advir apenas a partir do outro. No entanto, ao utilizar-se da figura do duplo, aqui entendida como um elemento operador com a função de mediador *entre* o mesmo e o outro, Borges criou um dispositivo para si mesmo que permitiu, sim, que o autor pudesse, para além de apagar a imagem paterna, incorporar seus antepassados, heranças familiares e literárias, de modo a estabelecer um diálogo criador com sua própria escritura.

Se ao interceptar o circuito auto-erótico – necessário – que se instaura nos momentos de compulsão à repetição no interior de uma análise, o analista remete seu analisando ao encontro com a alteridade, ao se utilizar de seu jogo de espelhos, lugar dessa relação de limite *entre* mesmo e diferente, Borges está permanentemente arremessando a si mesmo, escritor, e a seus leitores, de encontro à alteridade.

Desconhecer-se e conhecer-se, desconhecer-se e conhecer-se, uma vez mais, tanto por meio da experiência psicanalítica, quanto por meio da escritura, implica a possibilidade de entrar em contato com a nossa própria imponderabilidade, ampliando, assim, a paisagem de nossas memórias. Se a jornada de “Georgie” a Borges foi longa, como salienta Woodall, não menos trabalhoso foi o percurso de “Sigismund Schlomo Freud” a Sigmund Freud. ■

#### NOTAS

1. S. Freud, *A interpretação de sonhos*, Edição Standard Brasileira (ESB), Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 4, p. 38.
2. “Borges ficou em tratamento por quase três anos, de 1946 a 1949. Comparecia duas vezes por semana. Essas sessões eram muito agradáveis para mim porque nem tudo era psicoterapia... As vezes incluíamos o problema da angústia que ele sofria como neurótico...”, citado em J. Woodall, *Jorge Luis Borges: o homem no espelho do livro*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999, p. 398.
3. Citado em J. Woodall, *op.cit.*, p. 183.
4. Cf. G. Bartucci, “Transferência, compulsão à repetição e pulsão de morte”, *Percurso* 21, São Paulo, 1998, p.43-49.
5. Cf. G. Bartucci, *Borges: a realidade da construção, Literatura e psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
6. Cf. formulação de Joel Birman em *Estilo e modernidade em psicanálise*, São Paulo, Editora 34, 1997.
7. Citado em J. Woodall, *op. cit.*, p. 185.
8. Citado em J. Woodall, *op.cit.*, p. 56.
9. Citado em J. Woodall, *op. cit.*, p. 357.
10. E. M. de Souza, *Traço crítico: ensaios*, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Editora UFMG/Editora UFRJ, 1993, p.102 e p. 104.
11. S. Kovadloff, “La creación del arte”, in I. Vegh, (org.), *La creación del arte: incidencias freudianas*, Buenos Aires, Ediciones Neuva Visión, 1991, p. 102.
12. J. L. Borges, *The gold of the tigers*, New York, E. P. Dutton, 1977, p. 8.
13. Citado em D. L. Shaw, *Borges: ficciones*, Grant & Cutler, 1976, p. 71.
14. S. Kovadloff, *op. cit.*, p. 99.
15. Citado em W. Barnstone, *Borges at eighty*, Bloomington, Indiana University Press, 1982, p. 47 e p. 101.
16. J.-J. Baranes, “Double narcissique et clivage du moi”, in *Le Double*, Paris, PUF, 1977, p. 41.
17. J. L. Borges, “Borges e eu”, in *O fazedor*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 47.
18. J.-J. Baranes, *op. cit.*, p. 42.
19. J. Birman, *op. cit.*, p. 60.
20. J. Birman, *op. cit.*, p. 10 e p. 37.
21. E. Rodrigué, *Sigmund Freud: o século da psicanálise, 1895-1995*, São Paulo, Escuta, 1995, v. 1, p. 403.
22. Embora tenha avançado tal formulação anteriormente (1996/ 1985), a mesma quando dita por um escritor (cf. S. Kovadloff) adquire estatuto de testemunho.
23. S. Kovadloff, *op. cit.*, p. 101.